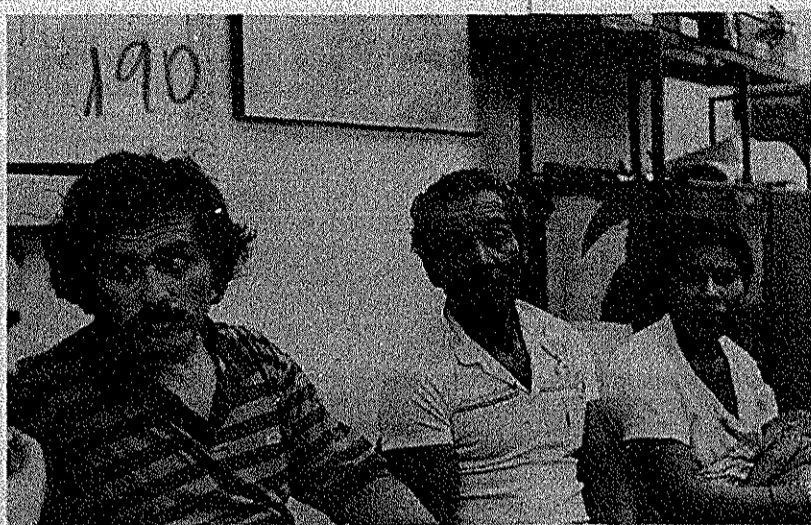


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 130

Data: 31/10/87 Pg.: _____



Antônio (entre Fábio Alves e a filha): pedindo garantia

Índio diz que Funai o expulsou de Xacriabá

Armados de carabina e revólver, quatro funcionários do posto de Funai na reserva dos índios xacriabás expulsaram da aldeia São Domingos, no último dia 28, o índio Antônio João de Araújo, sua mulher, filha, genro e sete netos. O motivo da expulsão, segundo Antônio João, foi uma roça de mandioca, milho e feijão plantada pela família na área, desocupada desde o início do ano com a saída de posseiros da reserva. A denúncia foi feita ontem pelo índio ao procurador Carlos Víctor Muzzi, da Procuradoria da República, em Belo Horizonte.

Com a mulher, Antônio Gomes de Oliveira (irmã do cacique Rosalino, assassinado com mais dois índios no dia 12, fevereiro último por grileiros da região), a filha Maria Aparecida Gomes de Oliveira e um neto ainda de colo, Antônio João chegou ontem cedo a Belo Horizonte para pedir a proteção do Conselho Indigenista Missionário — Cimi. Forçados pelos funcionários da Funai a deixar a reserva em 24 horas, eles deixaram a aldeia à noite e à madrugada até alcançar a localidade de Missões, de onde seguiram de ônibus até Januária e, depois, ate Belo Horizonte.

Acompanhado à Procuradoria da República pelo coordenador do Cimi Leste-2, Fábio Alves dos Santos, e pelos deputados Virgílio Guimarães e Sandra Starling, ambos do PT, Antônio João disse ao procurador Carlos Muzzi que ele e sua família só voltam à reserva com garantia de que seus direitos serão respeitados pelos funcionários do órgão. Na raiz do problema, segundo ele, está o domínio das terras antes ocupadas pelos posseiros-89 famílias obrigadas a deixar a área xacriabá após a chacina do dia 12 de fevereiro, quando ainda era muito tenso o clima na região. De acordo com a denúncia encaminhada à Procuradoria, à frente do grupo de funcionários da Funai estava o cacique Manoel Rodrigo de Oliveira, o "Rodrigão", que também é funcionário da Funai, e que teria dividido a área antes ocupada pelos posseiros entre seus amigos e parentes.

Na próxima terça-feira, os índios voltam a manter contato com o procurador Carlos Muzzi, que lhes prometeu manter contato com a administração regional da Funai em Governador Valadares. Hospedados no seminário da diocese de Divinópolis na Capital, vizinho do complexo da Pontifícia Universidade Católica, no bairro Dom Cabral, os índios expulsos da reserva esperam um sinal verde do procurador para voltar à área xacriabá, onde vivem 4.500 indígenas.

A expulsão da família de Antônio João de Araújo, afirma Fábio Alves dos Santos, não é um fato isolado na reserva xacriabá. O Cimi, diz ele, tem rece-

bido semanalmente cerca de 10 cartas de índios de diversas aldeias informando sobre ameaças e pressões que funcionários da Funai estão fazendo na área, inclusive com a distribuição de sementes para plantio apenas para os xacriabás que assinaram documento contra o Conselho Indigenista Missionário. "O clima de tensão na reserva é insuportável e poderá gerar conflitos internos de proporções incontroláveis, que tanto o Cimi quanto os índios desejam evitar" — alerta o coordenador do Cimi.

Localizada no distrito de São João das Missões, no município de Itacarambi, há décadas a reserva vive sob tensão, principalmente com grileiros e posseiros. Após a saída destes últimos, no primeiro semestre deste ano, os problemas ganharam uma dimensão interna. Há dois meses, o Cimi denunciou que a Funai estava obrigando os índios a trabalhos forçados para edificar uma cerca de 90 quilômetros destinada a cobrir toda a extensão da área indígena. Conforme o Cimi, o trabalho era feito sem remuneração e durante uma semana cada grupo de xacriabás ficava confinado na frente de trabalho, recebendo em troca apenas a alimentação. Afastados durante esse período da família, os índios se revoltaram porque, na maioria das vezes, as mulheres e os filhos não tinham o que comer.

Depois da denúncia, o trabalho foi suspenso. Sem a mão-de-obra — a Funai fornecia o arame farpado e os índios derrubavam e cortavam as árvores para os mourões —, apenas dez quilômetros de cerca foram construídos. Segundo o Cimi, na área onde a cerca foi edificada vêm ocorrendo vários atritos entre índios e funcionários da Funai, que colocaram cancelas com cadeados nos acessos as trilhas, impedindo trabalhadores xacriabás de se locomover livremente dentro da reserva.

Em represália, afirma Fábio Alves dos Santos, o administrador regional da Funai em Governador Valadares, Lúcio Flávio Coelho, aproveitou-se de uma portaria da Funai suspendendo todos os convênios com missões religiosas, editados em julho, e proibiu o ingresso de funcionários do Cimi nas áreas indígenas de Minas. "Como o Cimi não tem convênio com a Funai e a vinculação do Conselho Indigenista é feita diretamente com os índios, através de trabalho apenas pastoral" — afirma o coordenador — "a administração regional revogou a portaria e o órgão partiu para outra tática, em nível nacional, que é de cooptar algumas lideranças indígenas e jogá-las contra o Cimi. Essa política, como comprova a atual situação na reserva, só aumenta a divisão na comunidade e provoca problemas difíceis de ser contornados."